

O PÁTIO

ANO XXV | N.º 125 | NOV-2024 | JAN-2025 | ESCOLA PORTUGUESA DE MOÇAMBIQUE - CENTRO DE ENSINO E LÍNGUA PORTUGUESA

Continuamos a construir o futuro

25
anos a crEscr

ESCOLA PORTUGUESA DE MOÇAMBIQUE
CENTRO DE ENSINO E LÍNGUA PORTUGUESA



25 anos da EPM-CELP

Quatro diretoras da EPM-CELP trazem, em discurso direto, uma reflexão sobre as vivências, desafios, processos e metas alcançadas ao longo de 25 anos da Casa Amarela.



Momentos da construção



Celebrámos no passado dia 24 de novembro as bodas de prata da Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa.

São já 25 anos ao longo dos quais se foi edificando uma escola que não se limitou a facultar o currículo português, mas que se constitui como uma referência no panorama educativo de Moçambique, pelo rigor científico do seu ensino, e pelos valores humanistas que sempre pautaram os seus sucessivos projetos educativos.

A EPM-CELP construiu um percurso singular ao integrar as diversas culturas que compõem o tecido social de Moçambique, tornando-se uma referência tanto no panorama educativo de Moçambique como relativamente a outras escolas em Portugal e escolas portuguesas no estrangeiro. Foi a primeira peça de um mosaico que hoje compõe as escolas portuguesas espalhadas pelos diversos quadrantes do mundo. A primeira aposta, logo após a sua criação em 1999, foi na profissionalização do seu corpo docente, respondendo às exigências do estatuto da carreira docente do Ministério da Educação de Portugal. A maioria dos professores que formavam o corpo docente da então Escola portuguesa de Maputo tiveram acesso à formação em exercício, ficando equiparados aos professores das escolas em Portugal. Ao mesmo tempo, a escola, respondendo à sua missão espelhada no acordo de cooperação, realizou inúmeras jornadas de formação, abrindo as suas portas e disponibilizando os seus recursos humanos para formar dezenas de professores do ensino moçambicano, dando-lhes formação em várias áreas, especialmente na didática das várias disciplinas. Em 2012 o Centro de Formação e Difusão de Língua Portuguesa requereu ao Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua a sua acreditação, tendo-lhe sido concedida.

A EPM-CELP foi também consolidando a sua missão de cooperação na área de educação, trabalhando com o Ministério de Educação de Moçambique na difusão da língua portuguesa, através do seu projeto de criação de bibliotecas escolas e maletas de leitura nas escolas moçambicanas – *Mabuko Ya Hina* - e do seu projeto editorial onde as muitas dezenas de títulos que tem editado e se têm espalhado por todo o país contribuem para a formação de leitores no país que nos acolhe.

Nos últimos anos, apostámos no alargamento da oferta educativa, com a introdução de cursos profissionais, tendo formado já dois grupos de profissionais técnicos de turismo e prevendo abrir brevemente o curso profissional de técnicos de multimédia. Alargámos os espaços construídos, como a piscina, o pavilhão gimno-desportivo, o edifício do pré-escolar, e, por fim, recentemente o espaço do refeitório, respondendo ao aumento do número de alunos e às exigências pedagógicas pautadas pela qualidade.

Investimos na formação artística e desportiva dos nossos alunos, com uma grande oferta de atividades de complemento curricular e extracurricular. Como resultados desta aposta, organizamos anualmente uma *masterclasse* que começou por ser apenas de violinos e que hoje integra alunos com formação em diferentes instrumentos e também um coro de alunos, professores e funcionários que se foi constituindo ao longo dos anos.

Por acreditarmos numa educação inclusiva, e respondendo às exigências dos novos normativos legais nesta área, os nossos serviços de psicologia e educação especial, aumentaram a sua equipa, dando hoje resposta a cerca de 200 alunos com necessidades educativas específicas.

Recentemente abrimos o Polo da Beira, como parte integrante da EPM-CELP. Um novo desafio que envolve a formação do corpo docente, a procura de novas instalações e a adequação dos equipamentos à nova aposta na qualidade pedagógica que é o que sempre almejamos.

É uma enorme alegria, ao fim de 25 anos, ver a trajetória dos nossos alunos, cujo percurso nas mais variadas áreas, revela sempre o quanto a sua identidade como profissionais e como cidadãos bebeu da vivência multicultural, dos valores morais e societários e de uma sólida formação pedagógica e científica, na nossa EPM-CELP.

Que os próximos 25 anos sejam de consolidação destes valores e de abraçar novos desafios e causas em prol de uma sociedade mais justa, mais rigorosa e atenta às mudanças que o futuro nos exige.



SUMÁRIO

6. ANIVERSÁRIO EPM-CELP | As bodas de prata da PM-CELP.

8. ANIVERSÁRIO POLO DA BEIRA | 1º aniversário do Polo da Beira da EPM-CELP.

9. DEPOIMENTOS ANTIGAS DIRETORAS | 25 anos de excelência numa gestão escolar ao serviço da comunidade.

14. REPORTAGEM ANTIGO ALUNO | “A EPM moldou a minha personalidade”.

16. COOPERAÇÃO | Pintar a Liberdade.

17. COOPERAÇÃO | EPC Rainha da Paz levou a máxima no “Festival Escolas com Livros 2024”.

18. CRÍTICA LITERÁRIA | Aparição, de Virgílio Ferreira e Casa em Flor, de Rogério Manjate.

19. ATIVIDADES | “Do brincar às palavras” em ação.

22. CIÊNCIA | Astrofísica Ana Paulino “viajou” com os nossos alunos pelo espaço.

25. ASSOCIAÇÃO DE PAIS | 25 anos da EPM-CELP: celebrar sucessos e renovar desafios.

29. PSICOLOGANDO | A história dos Serviços de Psicologia e Orientação.



8. PRIMEIRO ANIVERSÁRIO DO POLO DA BEIRA DA EPM-CELP |

Primeiro desafio da EPM-CELP fora de Maputo

Inaugurada a 7 de dezembro de 2023 por sua Excelência o Secretário de Estado da Educação, Dr. António Oliveira Leite, a extensão da EPM-CELP na Beira comemorou, em 2024, o seu primeiro aniversário.



14. REPORTAGEM COM ANTIGO ALUNO |

"A EPM moldou a minha personalidade"

Era para ser biólogo ou médico, mas enveredou pelo jornalismo. Inicialmente queria estudar biologia ou medicina, mas as notas não ajudaram. Acabou por seguir a sua terceira opção – que hoje é a sua verdadeira paixão. E sente que foi a melhor decisão que tomou na sua vida.



17. COOPERAÇÃO | EPC Rainha da Paz vence o Festival "Escolas com Livros 2024"

Pelo segundo ano consecutivo, os alunos da Escola Comunitária Rainha da Paz vencem o Festival "Escolas Com Livros", organizado pelo projeto "Mabuko Ya Hina". Em 2023, "Representaram bem!" a obra "A Viagem", da autoria de Tatiana Pinto, e, este ano, dramatizaram a "Leona, a Filha do Silêncio", de Marcelo Panguana, ambas publicações da EPM-CELP.

As bodas de prata da EPM-CELP



A celebração do 25.º aniversário contagiou a comunidade educativa da EPM-CELP que, entre aplausos e cânticos de parabéns, assumiu o compromisso de continuar a promover a excelência educativa. Alunos, professores, funcionários, pais e encarregados de educação, juntaram-se, em dois momentos, para celebrar as bodas de prata, um de manhã e outro à tarde, possibilitando a participação de todos.

Na ocasião, Luísa Antunes, presidente da Comissão Administrativa Provisória (CAP) da EPM-CELP, reiterou as dinâmicas de desenvolvimento da Escola e as relações criadas aqui, entre a comunidade educativa, ao longo dos 25 anos de existência. Intervieram também os outros elementos da Direção, bem como os representantes da Associação de Pais e Encarregados de Educação, da Associação de Estudantes e a Comissão de Finalistas 2024/2025.

As comemorações reuniram a comunidade escolar, num momento de agradecimento e reconhecimento à trajetória da escola, que, ao longo dos anos, tem transformado vidas por meio da educação. Em 25 anos, a Escola registou uma grande evolução nas suas

infraestruturas físicas, bem como nos domínios da inovação educativa, nomeadamente pela afirmação da sua matriz de educação inclusiva, em que se tem destacado como escola de referência.

Os 25 anos da EPM-CELP refletem, igualmente, a nobre missão de representar Portugal, projetando-a, assim, como um veículo privilegiado da difusão da língua e da cultura portuguesas, no quadro do aprofundamento das relações de cooperação nas áreas da educação e da divulgação da língua portuguesa entre Portugal e Moçambique.

Criada ao abrigo do Decreto-Lei N.º 241/99, na sequência da assinatura, em 1995, do Acordo de Cooperação entre a República Portuguesa e a República de Moçambique, a EPM-CELP, propriedade do Estado Português, foi fundada no dia 24 de novembro de 1999 e iniciou as suas atividades no ano letivo de 1999-2000, tendo sido dotada de personalidade jurídica e de autonomia cultural, pedagógica, administrativa, financeira e patrimonial próprio.

Afirmando-se como uma escola integrante da rede de ensino público português, a EPM-CELP foi adquirindo novas valências. É dotada de um Centro de Formação,

certificado, que promove a formação interna e externa de docentes e não docentes, dinamiza estágios académicos e profissionais em diferentes áreas e promove a cooperação no âmbito da sua missão de divulgação da língua portuguesa, nomeadamente através do projeto Mabuko Ya Hina.

Possui uma editora com diversas linhas editoriais dirigidas a diferentes públicos, desde o infanto-juvenil até a livros académicos, divulgando obras de personalidades da literatura e da ilustração moçambicanas e promovendo novos valores.

A 6 de dezembro de 2023, com a abertura do polo da Beira, iniciou uma nova etapa, que agora se associou à celebração destes 25 anos – o da expansão em território moçambicano.

Um bolo gigante para as celebrações

As celebrações dos 25 anos da EPM-CELP incluíram também momentos de confraternização entre professores e funcionários. A direção da Escola disponibilizou um bolo gigante que foi repartido por todos, num ambiente de festa.



25
R
anos a crESC

1999 - 2024



PARABÉNS, EPM!





1º aniversário do Polo da Beira da Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa

Comemorou-se, no dia 7 de dezembro de 2024, o primeiro aniversário do Polo da Beira da Escola Portuguesa de Moçambique - Centro de Ensino e Língua Portuguesa, inaugurada a 7 de dezembro de 2023, por Sua Excelência o Secretário de Estado da Educação, Dr. António Oliveira Leite.

O dia decorreu em clima de festa, com atividades lúdicas, de acordo com os ciclos de ensino, destacando-se os momentos de dança protagonizados pelos alunos do 1.º ciclo, as canções entoadas pelas turmas do 2.º ciclo e a representação de um excerto do Auto da Barca do Inferno, de Gil Vicente, da responsabilidade dos alunos do 8.º e 9.º anos. Foram também entregues os prémios e certificados de participação na atividade de Halloween aos alunos do 1.º e 2.º ciclos. Houve ainda

lugar para o bolo de aniversário, partilhado com a comunidade educativa presente, alunos, professores, funcionários Direção e representantes dos Encarregados de Educação. A festa culminou com um concerto musical da Banda Cool Beats, da qual faz parte o docente de Música do Polo.

Durante este primeiro ano de existência, a Direção da EPM – Polo da Beira tem vindo a envidar vários esforços no sentido de melhorar as condições existentes no espaço que ocupa. As salas de aula encontram-se todas climatizadas com aparelhos de AC, equipadas com computadores desktop ligados à internet, com um projetor e tela de projeção. Também foi intervencionada a Sala dos Professores, com novas janelas, aparelho de AC e novo mobiliário, assim como os gabinetes do SPO, Serviços Administrativos, Biblioteca e Sala de Coordenação de Ciclos, nos quais foram também colocados aparelhos

de AC. Mais recentemente, o Polo adquiriu 20 computadores portáteis, para serem utilizados pelos alunos nas aulas de TIC e nas provas e exames que assim o exijam, visto não existir sala de Informática. Prevê-se ainda, para este período, a aquisição de mobiliário novo (mesas e cadeiras) para todas as salas de aula.

A maioria dos Pais e Encarregados de Educação tem visto com muito agrado as mudanças que se têm verificado neste primeiro ano, tanto a nível das condições físicas, como a nível das práticas pedagógicas.

A Direção da EPM – Polo da Beira tem como grande objetivo, para este segundo ano de vida da instituição, a procura de um terreno para as novas instalações, de modo a que esta possa crescer e abranger finalmente o Ensino Pré-Escolar e o Ensino Secundário.





25 anos de excelência numa gestão escolar ao serviço da comunidade

Durante um quarto de século a nossa escola tem-se dedicado à promoção de um ambiente de aprendizagem em prol da excelência, crescimento e inovação. Ao longo dos anos, a EPM-CELP tem acompanhado os percursos de estudantes, professores e funcionários, numa experiência marcada por uma estreita colaboração com os encarregados de educação, com o intuito de estabelecer, manter e consolidar uma comunidade educativa unida pelo espírito colaborativo em prol de uma educação inclusiva, virada para uma formação holística dos alunos e com os olhos postos nos desafios presentes e futuros. A celebrar 25 anos de dedicação a uma educação de qualidade, reservámos um momento de reflexão sobre as vivências, metas alcançadas, desafios e histórias de sucesso testemunhadas.

Nesta edição da revista “O Pátio”, destacamos as vozes das quatro diretoras escolares que desempenharam um papel fundamental na formação da nossa instituição ao longo da sua história. A sua liderança, visão e empenho inquestionáveis ajudaram a orientar a escola nos seus momentos mais desafiantes e transformadores. Cada testemunho oferece uma perspetiva única, com uma reflexão sobre o respetivo percurso, os desafios enfrentados e os triunfos que vivenciaram enquanto conduziam esta Escola, impulsionando-a nas suas diversas valências.

Ao ouvirmos estas quatro diretoras, incluindo a atual, obtemos um quadro plurifacetado que nos deixa ver o caminho longo que já percorremos, o ponto em que nos encontramos hoje e as perspetivas que se abrem para a EPM-CELP. As suas reflexões testemunham o valor das lideranças visionárias e o seu impacto na educação de inúmeras gerações.

Com estas vozes, brindamos aos futuros 25 anos... e a muitos mais que certamente virão, continuando a projetar sonhos, a formar jovens e a construir o mundo.

Um Projecto de Missão



Maria Emília Catela
Presidente da Comissão Instaladora
(1999-2001)

É com muito prazer e ainda maior emoção que me dirijo à Comunidade Educativa deste Centro e desta Escola, passados que são 25 anos da sua abertura. É como se tivesse sido ontem!

Façamos, então, um breve retrocesso na história deste belo empreendimento. A ideia, teve-a o Eng.º António Guterres, agora Secretário-Geral das Nações Unidas, quando era Primeiro-ministro de Portugal, nos anos 90. Era então Presidente da República Portuguesa o Dr. Mário Soares. Geria o Ministério da Educação o Doutor Eduardo Marçal Grilo, sendo seu Secretário de Estado da Administração Educativa o Doutor Guilherme d'Oliveira Martins, depois Ministro da Educação. Foi este uma figura fulcral na preparação e no arranque do CELP, a meu ver o dirigente que melhor o apoiou e compreendeu os meandros do processo.

O Ministro Marçal Grilo pediu-me que abraçasse a sua preparação, dada a minha formação e o conhecimento do país. Com individualidades desta dimensão, estava fora de questão não se ser bem-sucedido no empreendimento de instalar a primeira escola do Estado Português fora do território nacional. Era a primeira! Não existia ainda um modelo que se pudesse seguir e a responsabilidade era enorme. Assim, ainda no Gabinete do Ministro, criou-se o emblema da escola com a árvore Micaia!, desenhou-se o

fardamento, constituiu-se a direcção do CELP.

Desde o primeiro momento, foi este um trabalho cheio de desafios. O primeiro, e seguindo acordo anterior entre as partes, foi articular a escola do CELP com a existente Escola Portuguesa – Cooperativa de Ensino, uma escola particular de currículo português, mas cujos alunos deveriam passar para a nova Escola Portuguesa. Apesar do acordo pré-estabelecido, as suas implicações não foram bem entendidas pela direcção da primeira e pelo grupo de encarregados de educação que a constituíam. Os seus alunos passaram efectivamente para a EPM, que entretanto havia contratado os professores da Escola-Cooperativa, mas um pequeno grupo de encarregados de educação iniciou reivindicações desadequadas e agressivas à gestão da EPM, que tumultuou desnecessariamente o arranque do seu primeiro ano lectivo. Desadequadas, porque fora do enquadramento legal da instituição, agora do Estado Português. Demorou um par de anos até serem compreendidas a essência e as características desta escola. Foi nessa altura que se procedeu à constituição da Associação de Pais, para que estes tivessem um fórum de unidade e, desse modo, pudessem ser um interlocutor coeso face à direcção da escola.

Na data oficial de início do ano lectivo português, havia ainda obras no edifício do CELP e todo o mobiliário a enviar pelo Ministério não tinha ainda chegado! Acordou-se, então, com a

Escola-Cooperativa transferir o seu mobiliário para o nosso edifício e assim poder começar a receber alunos e actividades. Daí que se tenham começado as aulas só em Novembro e, mesmo assim, com muito esforço e dedicação da direcção, dos funcionários e dos professores.

O projecto educativo desta escola foi igualmente um desafio. Os alunos tinham origens, línguas, credos e culturas diversos e abrangiam todos os anos lectivos, dos 3 aos 22 anos. Esta foi a primeira escola do sistema educativo português com um tal perfil – uma escola integrada. Como agir para que esta não fosse uma palavra vã? Apostou-se numa abordagem de projectos que congregassem os alunos e, assim, se deu origem a um movimento activo que nunca mais parou e imprimiu à escola uma característica deveras diferenciadora. Depois, deu-se voz à escola através da revista Micaia, desenvolveu-se o desporto escolar com muitas competições com outras escolas e muitas taças ganhas, abriu-se o Centro de Recursos, fomentou-se a criação da Associação de Alunos e apoiou-se o primeiro baile de finalistas, com todo o seu glamour.

Mas os desafios não ficaram por aqui. Vieram as cheias de Fevereiro de 2000, que inundaram a rua e o perímetro do edifício com quase um metro de lama de altura, o que impediu o acesso dos alunos. Porém, alguns já estavam na escola e tiveram de ser evacuados, com a assistência de equipas civis e de pais que dispunham de camionetas altas que puderam circular pelo canal em que se tinha tornado a rua de acesso. Depois, foi preciso encontrar instalações diversas na cidade por onde se distribuíram os alunos para continuarem a ter aulas, com maior preocupação os dos 12.º ano, ano de exames. A seu tempo, depois dos extensos trabalhos de limpeza, regressou-se ao edifício. E nele, finalmente, se fez a festa do primeiro ano lectivo da Escola Portuguesa de Moçambique!

Nota do Editor: A autora escreve segundo o antigo Acordo Ortográfico



A fundação da EPM-CELP



Albina Santos Silva
Presidente da Direção
(2001 a 2008)

Agradeço o convite para rememorar tempos idos ao serviço da EPM-CELP (2001 a 2008). O aniversário de uma Escola é sempre um tributo à Educação e a todos os seus fazedores.

Neste contexto, uma menção para António Guterres, Primeiro-Ministro de Portugal (1995 e 2002), pelo paradigma criado para as escolas portuguesas no estrangeiro. Foi ele que colocou a pedra que assinalou a abertura da Fundação Escola Portuguesa de Macau (1998), bem como a primeira da edificação da EPM-CELP, aberta em 1999, após o Acordo de Cooperação entre Portugal e Moçambique (1995). Neste quadro, saliento a ação dos Ministros Marçal Grilo, Oliveira Martins, Santos Silva, Júlio Pedrosa e David Justino.

A primeira Presidente da Comissão Instaladora foi Maria Emília Catela (1999-2001). Deixou, para memória futura, uma publicação que, entre outros aspetos, refere o processo de transição da escola privada para a escola pública.

E, como na vida não há precedente sem consequente, foi-me solicitado pelo Ministro da Educação, de então, para assumir o cargo de segunda Presidente da Comissão Instaladora (1 de agosto de 2001), atendendo à minha experiência como dirigente e, por à data, ser membro do Conselho da Patronos da EPM-CELP. Aceitei o desafio. Cedo, sentimos a necessidade de formar para transformar a cultura

organizacional de uma escola privada, para a exigível, numa instituição pública. Lembro que dos 160 colaboradores que iniciaram funções nesta Instituição, 130 procediam da Escola Portuguesa de Maputo – Cooperativa, sendo admitidos para desempenhar idênticas funções, sem experiência do sector público.

Em março de 2004, o Primeiro-Ministro Durão Barroso, acompanhado de uma numerosa equipa ministerial, visitou a Escola, para aquilatar do seu potencial, como instrumento de cooperação, em matéria de educação. Na sequência, foi publicado o Decreto-Lei n.º 120/2004, de 21 de maio, dotando-a do regime dos institutos públicos (Lei n.º 3/2004), de 15 de janeiro). Por isso, dispunha de personalidade jurídica, entre outros atributos.

Cientes que *“Nenhum homem é uma ilha, isolada em si mesma (...)* tínhamos de vivenciar a realidade escolar, de modo interrelacionado, para melhor agir e servir. Assim, configuramos um programa de formação, para todos os colaboradores, através de protocolos, com serviços do Ministério da Educação e com Universidades, nomeadamente com a Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, coordenado pela Presidente do Departamento de Educação, Odete Valente, e, ainda, o completamento de habilitações escolares do pessoal administrativo e auxiliar. Seguiram - se ações para a monitorização de várias funções estruturantes, através de redes de informação e de comunicação. Como resultado, os colaboradores aderiram e souberam intuir e realizar a missão da Escola, com empenho e proficiência.

No entanto, e após ter cessado funções na EPM – CELP, esta sofreu um rude golpe jurídico com a publicação do Decreto-Lei n.º 47/2009, de 23 de fevereiro, retirando-lhe o estatuto de instituto público, com o fundamento que era preciso *uniformizar os regimes das escolas públicas portuguesas no estrangeiro, de que se salienta a consagração da Escola como um estabelecimento público português de educação e ensino e não como um instituto público, dotando-o formalmente de um Conselho Pedagógico*. Mas, estatuto esse que se complexificou com o Decreto-Lei n.º 211/2015, de 29 de setembro, se considerarmos a criação de outras estruturas educativas dependentes, tais como os Polos da Matola e da Beira, este último situado a mais de 1200Km da sede.

Nesta viagem coletiva, gostaria de inscrever os nomes de tanta gente excecional, mas ultrapassava a dimensão do espaço disponível. Assim, só referenciarei os meus colegas de Direção: a Vice-Presidente, Manuela Jacinto que coordenava e manejava com maestria a componente escolar e a formação e o Vice-Presidente José Fernandes, investido na montagem de procedimentos financeiros e patrimoniais, passando a *pente fino* os resultados obtidos, num ambiente tão complexo e vulnerável.

Ainda, uma homenagem póstuma, na forma de um merecido requiem, para todos os que partiram e a quem o Futuro tanto lhes deve. Todos foram timoneiros de um barco a navegar, em ondas revoltosas, conseguindo levar a EPM-CELP a porto seguro.

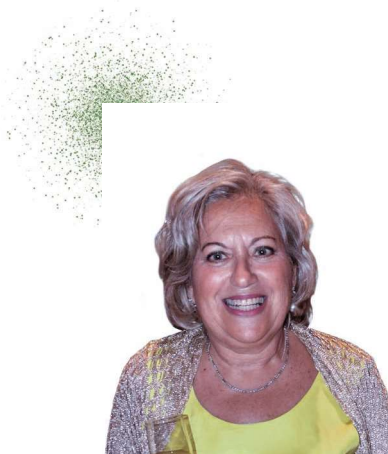
E, não esquecerei o dia da despedida, a 15 de janeiro de 2008, quando a Comunidade Educativa, me agradeceu com o traje típico usado pelas mulheres de Moçambique, o *MuKume*, significando a adoção pela *Comunidade moçambicana*.

Por último, desejo que os tempos vindouros acrescentem mais sonhos e concretizações, à história da Instituição.

Bem- hajam.



A nossa Casa Amarela



Dina Trigo de Mira
Diretora da EPM-CELP
(2008-2020)

Foi-me pedido um testemunho sobre um mandato de gestão que se prolongou por 14 anos na Escola Portuguesa de Moçambique-Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP)

Olhando em retrospectiva sobre a minha passagem pela chamada “Casa Amarela”, ocorre-me uma dúvida: desfiar conquistas, realizações e desafios ou encontrar o traço mais marcante das equipas de gestão que liderei?

Opto pela segunda alternativa.

Liderei equipas, sustentei decisões em reflexões partilhadas, negocie posições de escola num contexto político em que a EPM-CELP apresentou estratégias avançadas de cooperação ao nível da Educação, nomeadamente com o Ministério de Educação de Moçambique, bem como com outros Ministérios.

Em toda e qualquer circunstância, assumi com convicção que o capital humano de uma organização constitui o seu maior valor e que o trabalho em equipa, alicerçado na confiança, honestidade, transparência e responsabilidade, constitui o instrumento fundamental de desenvolvimento de qualquer projeto.

Procurei olhar sempre, em primeiro lugar, para cada pessoa, encontrando em cada uma o que de melhor podia trazer à instituição.

Privilegiei, em todos os momentos, o diálogo, o trabalho colaborativo e a participação de cada um no projeto coletivo que a EPM-CELP

representa. Exemplo deste esforço terá sido a reflexão alargada e partilhada que se promoveu enquadrada no projeto “Que Escola Queremos.” Foi esta equipa que consolidou a identidade de uma instituição pública que se foi afirmando pela excelência do ensino, pela estratégia de afirmação da Língua Portuguesa, pela defesa intransigente da contextualização curricular (com a homologação de uma disciplina de opção, no 12º ano, História de Moçambique), pela diversificação da oferta educativa (com a introdução do ensino profissional) e, acima de tudo, com a aposta numa política de afirmação de Escola Inclusiva, nomeadamente com a criação de uma sala de ensino estruturado.

Assim sendo, não me parece fazer sentido referir a liderança da EPM-CELP como sendo produto de um trabalho individual, pois a sua marca mais evidente terá sido mesmo a promoção do espírito de corpo e o comprometimento de todos no crescimento daquela que é por nós carinhosamente chamada “A nossa Casa Amarela”. Alunos, famílias, professores e funcionários foram sempre os vértices, articulados entre si, deste grande polígono que abriga uma alma coletiva. Sinto um enorme orgulho, por ter feito parte dessa construção.

O compromisso com as famílias que nos procuraram foi sempre de proporcionar aos seus educandos uma educação multicultural, humanista e moderna. Estou convicta que os desafios assumidos contribuirão, certamente, para a tomada de decisões subordinada aos valores de justiça, equilíbrio social e ecológico. No fundo, são estes os valores pelos quais pugnei ao longo da minha liderança, interpretando no melhor sentido os princípios plasmados no Projeto Educativo da EPM-CELP: promoção de uma educação de base filosófica humanista; formação integral dos alunos; criação de oportunidades iguais para todos, independentemente da origem sociocultural ou confissão religiosa; implementação de dinâmicas sustentadas de inclusão de alunos com necessidades educativas especiais.

Extrapolando o olhar

sobre a escola como instituição de ensino e olhando-a como centro de divulgação da Língua e Cultura portuguesas, gostaria de destacar a nossa estratégia de cooperação que passou por um programa extenso de incentivo à leitura, tanto através da criação de bibliotecas escolares e maletas de leitura nas escolas públicas e comunitárias de Moçambique, como através da publicação de obras literárias, maioritariamente de autores moçambicanos e com grande enfoque na nossa coleção infantojuvenil. Estes livros circulam já, também, no espaço português e brasileiro e alguns integram o Plano Nacional de Leitura.

A Escola Portuguesa de Moçambique foi ainda a primeira escola portuguesa no estrangeiro a integrar o Plano Nacional das Artes, formalizando, de alguma forma, aquilo que já se fazia para “desinquietar” o pensamento crítico e usando a arte como instrumento pedagógico promotor de competências criativas. As “residências artísticas”, com oficinas pedagógicas, a divulgação de jovens artistas e novos valores moçambicanos, a apresentação de exposições individuais e coletivas, a organização de uma Master Classe de Coro e Orquestra no final de cada ano letivo, foram outras tantas marcas de um trabalho feito com muita paixão.

Desafios e dificuldades também foram muitos, nomeadamente com a gestão de uma Escola Portuguesa localizada a 10 000 km dos centros de decisão nacionais. A título de exemplo, refira-se a aprovação do projeto e a autorização para o arranque da construção da Cantina que se estendeu por vários anos e que implicou inúmeras diligências. Em 2020 viveu-se um período único na história mais recente, o período da pandemia por Covid 19. Promover a resiliência, encontrar respostas para as necessidades geradas pela passagem a um regime de E@D que constituía uma novidade e a que era imperativo adaptarmo-nos, terá sido o último grande desafio que nos foi colocado e a que, acredito, soube-mos responder com eficiência, tranquilidade e uma enorme capacidade de resolução criativa de problemas.

Neste fechar da cortina sobre uma das páginas mais importantes da minha vida, e cujas memórias muito gratas guardo no coração, cabe-me agradecer a todos os que comigo trabalharam e que, mais do que colaboradores, passaram a fazer parte integrante de uma família de afetos que construí ao longo dos anos em que estive naquela que passou a ser *a minha escola!*

Desafio todos os dias renovado



Luísa Antunes
Presidente da CAP (2020-à atualidade)

Quando em 2020 assumi a presidência da CAP da EPM-CELP, em substituição da Dra Dina Trigo de Mira, fi-lo acreditando em vários pressupostos de base que têm pautado a minha gestão desta instituição de ensino, mas também de cooperação ao nível da formação e difusão da língua portuguesa neste país que acolhe a EPM-CELP.

A grande valência que acreditava possuir e poder colocar ao serviço da Escola tinha e tem a ver com os mais de vinte anos em que, em vários setores, exerci funções, tanto ao nível da docência, como em cargos de gestão intermédia e como Diretora do Centro de Formação e Difusão da Língua Portuguesa. Esse conhecimento intrínseco muito tem contribuído para que me seja possível identificar as prioridades pedagógicas, estabelecendo metas e trabalhando sempre em cooperação com as várias equipas dos distintos setores, no mesmo espírito colaborativo que vinha pautando a anterior direção da Escola. Cada um dos seres humanos, que habitam este grande universo escolar, tem o direito de se sentir realizado, feliz e também o dever de dar o seu melhor contributo para a sustentabilidade desta nossa casa comum. Este equilíbrio almejado é tarefa de toda a orquestra e exige um grande alinhamento de todos nós.

Assim, é minha convicção que uma instituição de cariz humano, como é uma escola e com

as características específicas desta, exige uma gestão que tenha em conta o capital humano. Exige uma compreensão das sensibilidades e a capacidade de colocar o melhor de cada um dos recursos que a compõem ao serviço de um projeto comum. Este é o grande desafio de todos os dias. Nunca pensei que fossem tantos os dias, mas este desafio renovado tem permitido, para além da continuidade do anterior projeto educativo, introduzir mudanças que acredito serem fundamentais para a estabilidade da EPM-CELP e para o seu futuro, ao nível do que penso serem os valores que sustentam a escola, como lugar de aprendizagens formais que preparam os alunos para a continuidade dos estudos e inserção no mercado de trabalho e, ao nível de cidadania, da participação consciente e proativa na sociedade em que vivemos, com os seus desafios sociais, políticos, económicos e ambientais, e ainda ao nível de aprendizagens informais que proporcionam uma formação holística, de base humanista.

Outra das pedras basilares desta instituição é a sua valência como Centro de Formação e Difusão da Língua Portuguesa. Não podemos deixar de ter sempre presente que foi como tal que o acordo de cooperação entre o estado português e o estado moçambicano foi firmado. Continuamos a manter o nosso compromisso com a formação, apoiando a formação de professores do ensino moçambicano e o acompanhamento de estágios académicos e profissionais, com o intuito de facultar a formação de docentes que integrem o nosso quadro pedagógico. Alguns dos nossos atuais quadros, tanto técnicos como pedagógicos foram formados em exercício nesta instituição.

Mantivemos e incrementamos o trabalho ao nível da difusão da Língua Portuguesa, expandindo a rede de escolas acompanhadas pelo projeto *Mabuko ya Hina*, tanto em Maputo como nas províncias de Gaza, Inhambane, Sofala e Nampula, em parceria com o Ministério da Educação de Moçambique o Instituto Camões para a intervenção

na Ilha de Moçambique. Ao nível das edições, continuamos a incidir o nosso trabalho sobretudo em obras de autores moçambicanos, dando o nosso contributo para a disponibilização de livros de qualidade em língua portuguesa, tanto através de doações a escolas e projetos de literacia, como no mercado livreiro moçambicano e português. Várias das nossas obras foram recentemente inseridas no Plano Nacional de Leitura de Portugal, demonstrando a qualidade e interesse dos livros publicados.

Um dos grandes desafios desta CAP foi o que nos trouxe o COVID-19, a nível da reestruturação dos meios de intervenção pedagógica do ensino a distância. Foram adaptados métodos e foi feito um grande investimento em equipamentos e formação dos professores em capacitação digital o que tem sido útil face às novas questões que se levantaram nos últimos meses pela crise política pós-eleitoral em Moçambique.

Quero ainda realçar a nível pedagógico, o papel que tem desempenhado o Plano Cultural de Escola como catalisador das atividades culturais que já vinham sendo realizadas na escola, inserindo-as no plano das aprendizagens transversais, fundamentais na formação integral dos nossos alunos.

Uma das minhas grandes alegrias, neste período, foi a de ter contribuído para a expansão da Escola Portuguesa de Moçambique, com a integração do Polo da Beira, o que consolidou a nossa missão educativa neste país de acolhimento.

Não posso deixar de referir ainda, como missão prioritária e muito cara ao meu projeto pessoal, a consolidação da EPM-CELP como escola inclusiva e de referência para comunidade em que estamos inseridos. Somos procurados cada vez mais por famílias que procuram encontrar respostas de qualidade para os seus filhos com necessidades específicas e por instituições educativas moçambicanas para formação especializada dos seus profissionais. No nosso quotidiano, acreditamos todos se sentem todos parte integrante e importante desta escola.



“A EPM moldou a minha personalidade”

Estava para ser biólogo ou médico, mas foi parar ao jornalismo. Uma saída penosa, mas para ele brutal. “Inicialmente queria cursar biologia ou medicina, mas as minhas notas não ajudavam. Acabei fazendo o curso que, se calhar, era a minha terceira opção – hoje a minha paixão. Foi a melhor decisão da vida”.



Nuno Soares é um outro rosto, de sucesso que este espaço apresenta. Ex-aluno da EPM-CELP, desde o terceiro ano do ensino básico até ao secundário, confiou-nos as suas memórias para juntos traçarmos um percurso marcado pela Casa Amarela: a EPM-CELP, com 25 anos de construção de uma identidade única, que valoriza a língua e a cultura portuguesas, mas, sobretudo, a formação holística, baseada em valores humanitários.

“Nota-se que a escola foi crescendo ao longo deste tempo. Há uma série de iniciativas que a tornam uma referência. As pessoas saem daqui bem formadas. É gratificante perceber que aquele sonho de se construir uma escola de raiz, se tornou real e esta é hoje uma referência a ter em conta no panorama educativo de Moçambique. Eu quando passo aqui e vejo tudo o que nela existe, sinto que a minha vida está ligada intimamente a esta casa”, refere Nuno com entusiasmo.

O antigo estudante caracteriza-se por dois aspetos essenciais: uma paixão inesgotável pela comunicação e uma grande nostalgia pela sua trajetória na EPM-CELP. E são estes dois fatores que definem o seu passado e o seu presente enquanto ser humano. “Nasci em Tete, Moatize. Depois vim para Maputo, onde estudei até à 2.ª classe numa escola de ensino moçambicano. Posteriormente, fui admitido na Escola Portuguesa de Maputo, numa altura em que era muito difícil um moçambicano ingressar. Foi aqui – primeiro na FACIM e depois na atual EPM-CELP – que, durante mais de 10 anos, construí a minha identidade”.

Casa pequena, mas cheia de afetos é como Nuno caracteriza a então Escola Portuguesa de Maputo, na FACIM, onde estudou até ao 11.º ano – um pouco antes da inauguração da Escola Portuguesa

de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa. “Antes, quando anunciaram que queriam construir uma escola, viemos plantar as primeiras árvores. Aqui não havia absolutamente nada. Era apenas um terreno baldio. Mas estávamos felizes. Agradava-nos a ideia”.

E no meio do nada, das poucas casas que circundavam o espaço, do solo arenoso, nasceu um sonho, a vontade de construir uma escola de raiz e, através da educação, formar homens e mulheres de todas as raças e nacionalidades. “Esta escola trouxe-nos esperança e uma vontade de aprender. A escola da FACIM apresentava muitos problemas. Todos os anos, por exemplo, tínhamos de desmontar as salas, devido à Feira Internacional de Maputo que decorria nas mesmas instalações da escola.”

A EPM-CELP foi, então, construída e entregue a 24 de novembro de 1999, ano em que iniciou igualmente as suas atividades. Um período memorável, mas também atípico, pois a escola não conseguiu terminar o ano letivo 1999/2000 devido às cheias em Moçambique, no princípio de 2000. “Infelizmente, não ficámos aqui durante todo o ano, porque a escola foi inundada pelas cheias”, lembra.

Um mau agouro, diga-se, para quem pensava em ter o seu baile de finalistas e terminar o ensino secundário numa escola nova e equipada. “Éramos a única turma do 12.º ano quando a escola ficou inundada. Lembro-me que até o baile de finalistas, que devia acontecer aqui, ficou condicionado. Estava tudo alagado. Tivemos de voltar para as instalações da FACIM. Mas eu acabei por ficar mais um ano aqui. A repetir a disciplina de Matemática”. E foi assim que Nuno teve outra oportunidade de correr no pátio da escola, de visitar todas as salas e departamentos, de conhecer a estrutura da nova escola.

E, atualmente, como olha o Nuno para a EPM-CELP enquanto instituição que comemora as suas bodas de prata?

“25 anos? Quem diria... Parece que foi ontem. É bonito ver a escola em constante evolução. É um grande orgulho ter feito parte dessa família e, ao fim de 25 anos, estar aqui e ver que, de facto, a escola manteve as mesmas características, e, em muitos aspetos, até melhorou. Em 2000, por exemplo, quando tudo ficou alagado tivemos que nos adaptar. Éramos a turma mais adiantada, então, tivemos que ajudar os professores e funcionários a evacuarem os mais novos. E foi muito interessante porque aí mostrámos de novo a



nossa união. Fizemos um cordão muito longo, quase até ao Clube Marítimo”.

Nuno, de forma analítica, não encontra nenhum tipo de rutura entre as Escolas Portuguesa de Maputo, na antiga FACIM, e a Escola Portuguesa de Moçambique - Centro de Ensino e Língua Portuguesa. Para ele, a transição foi sinónimo de evolução, de crescimento.

“Nós éramos uma família”

Desde o período que precede a sua fundação, como escola pública do governo português, a Escola Portuguesa de Moçambique defendeu que bons resultados só se alcançam quando há união. Boas relações. Para o Nuno, essa política cultural e social, dentro do estabelecimento de ensino, fez com que ninguém se sentisse perdido, isolado ou sozinho.

“Eu olho para os professores que tive nessa escola e lembro-me do quanto contribuíram para a construção da minha personalidade. Vivemos num contexto multirracial, multicultural, mas nunca tive problemas com isso. Aliás, ninguém teve. Éramos uma família. E esta harmonia sempre existiu na EPM. Essa

foi a coisa que mais me marcou ao longo destes anos, tanto na FACIM, como aqui. Viver em harmonia. Isso cria tolerância, cria visões diferentes sobre o mundo e sobre as pessoas e constitui uma enorme riqueza”.

Respeito, tolerância e empatia, três palavras que resumem o código de conduta que o acompanhou durante todo o seu percurso. Depois da EPM-CELP, Nuno foi estudar para Portugal, na Universidade de Coimbra, seguindo, como disse, as pegadas dos seus pais. “Fiz o meu curso que é basicamente Comunicação Social. E gostei muito. Naquele ano, muitos alunos de Moçambique, também foram para lá. Então, a família feita aqui continuou junta do outro lado do mundo”.

Hoje é formado em Comunicação e trabalha como empresário, trazendo soluções técnicas e de consultoria às diversas empresas moçambicanas. Trabalha no que gosta, “embora inicialmente tenha pensado em estudar biologia, ou cursar medicina, as minhas notas não ajudaram. Acabei fazendo um curso que, sendo a minha terceira opção, é hoje a minha paixão. Acho que foi a melhor decisão que tomei na minha vida”.



Pintar a Liberdade

O projeto *Mabuko Ya Hina* – projeto de cooperação da EPM-CELP na área de literacia – premiou, em outubro, os alunos da Escola Secundária do Triunfo, vencedores do concurso “Pintar a Liberdade”. O desafio foi lançado em setembro passado, no âmbito de um *Workshop* de pintura subordinado ao tema “Pintar a Liberdade”, dinamizado pelo artista plástico Naguib Abdula e pelo docente da EPM – CELP e, também, artista plástico, Calisto Namburete.

Na cerimónia de entrega de prémios, cada quadro vencedor do Concurso de Pintura foi apresentado pelo respetivo grupo de autores, que receberam um certificado e uma publicação da EPM-CELP. Os certificados foram entregues aos alunos pelo diretor da Escola, Nelson Fainde, e os prémios foram oferecidos pela equipa do Projeto “*Mabuko Ya Hina*”, Ana Albasini e Rosário Chaveiro.

O *Pastor de Ventos*, O *Menino que Odiava Números*, O

Desamparo das Flores, *100 Papas na Língua* e *Wazi* foram os títulos oferecidos aos alunos, com uma mensagem de incentivo à leitura, sugerindo-se a troca dos livros, após a leitura dos mesmos, para, dessa forma, poderem desfrutar de mais

leituras.

De referir que a atividade se enquadrou no Projeto Cultural de Escola da EPM – CELP que este ano assinala também os 50 Anos da Independência de Moçambique”.



Rainha da Paz voltou a levar a máxima no Festival “Escolas Com Livros 2024”



Este é o segundo ano consecutivo em que os alunos da Escola Comunitária Rainha da Paz venceram o Festival “Escolas Com Livros”, organizado pelo projeto “*Mabuko Ya Hina*”. Em 2023, “Representar(am) bem!” a obra “A Viagem”, da autoria de Tatiana Pinto, e, este ano, dramatizaram a “Leona, a Filha do Silêncio”, de Marcelo Panguana, ambas publicações da Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa.

O Festival anual “Escolas Com Livros” é uma iniciativa do projeto “*Mabuko Ya Hina*”, que tem como objetivo incentivar a leitura e a utilização das Bibliotecas Escolares e Maletas de Leitura. Em 2024, o Festival decorreu entre os dias 7 e 18 de outubro, reunindo 20 escolas localizadas nos distritos de Maputo, Matola e Matutuíne, tendo o júri assistido a múltiplas apresentações feitas por alunos da 6.ª classe, nomeadamente leituras, contos, recontos, dramatizações, cantos e danças.

A equipa do projeto, constituída por Ana Albasini e Rosário Chaveiro, e as técnicas do Departamento de Documentação do Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano, Sandra Madeira e Isaura Raso, visitaram

as escolas vencedoras do Festival “Escolas Com Livros 2024”, entre os dias 20 e 22 de novembro, para procederem à oferta dos prémios aos alunos e à entrega dos certificados de classificação aos diretores e professores.

O 2.º lugar foi alcançado pelos alunos da Escola Primária Completa Maxaquene C, que também brilharam, declamando poemas e entoando uma canção alusiva ao

Direito da Criança à Educação.

A Escola Primária Completa Unidade 23 destacou-se, igualmente, neste Festival, alcançando o 3º lugar, com a dramatização de excertos de várias obras e declamação de poemas.

Os alunos participantes neste Festival receberam, como prémios, várias publicações da EPM-CELP que servirão de incentivo à leitura.





Nesta sua primeira edição da rubrica “Crítica Literária”, coordenada pela professora de Português, Olga Pires, a aluna Constança Correia, explora universos literários de duas obras distintas: “Aparição”, uma narrativa de Vergílio Ferreira, que levanta interessantes dilemas existenciais, muito ligados às correntes filosóficas do início do século XX, e que já fez parte das obras de leitura obrigatória do ensino secundário; “Casa em Flor”, uma viagem poética pela mão do poeta, ator e professor de teatro, da nossa escola, Rogério Manjate, que nos surpreende sempre com a cor e ritmo dos seus textos. Desfrutem das leituras.

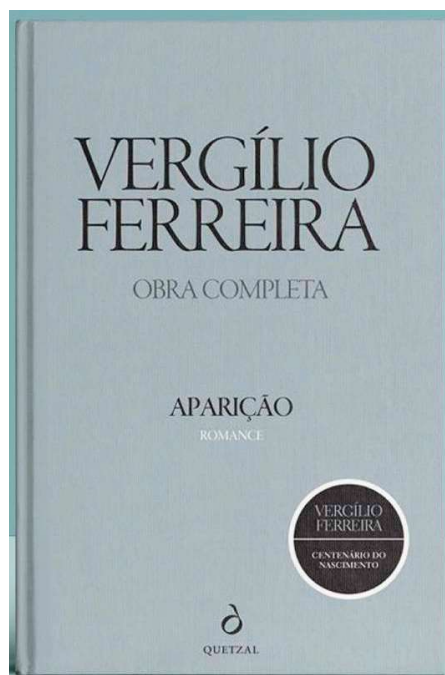


Constança Correia 12.ºC

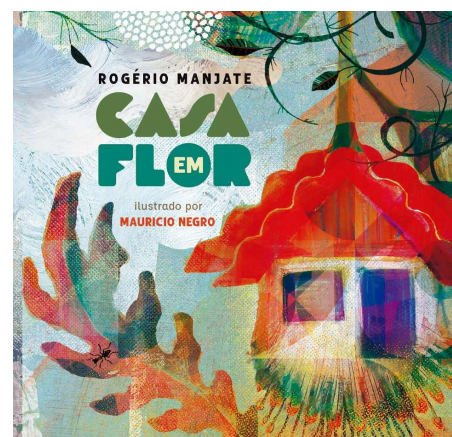
Aparição, de Vergílio Ferreira

“E, todavia, como é difícil explicar-me! Há no homem o dom perverso da banalização. Estamos condenados a pensar com palavras, a sentir com palavras, se queremos pelo menos que os outros sintam connosco. Mas as palavras são pedras.”

Começa o ano letivo de 1959. A memória desumana da Segunda Guerra Mundial ainda estava presente, Einstein havia destronado algumas certezas sobre o cosmos e Nietzsche anunciara, no início do século XX, a morte de Deus. O Homem estava, pela primeira vez, completamente só, sem céu nem inferno, sem maneira de escapar à destruição e à angústia. Procurava, contudo, um significado, uma aparição que viesse explicar tudo isto. É nesta conjuntura que Alberto Soares, personagem principal e narrador deste romance, chega a Évora, ainda abalado pela morte inesperada do pai, mas preparado para começar a sua carreira como professor de Português no liceu. Alberto, homem de luto, sóbrio e descrente, choca



inevitavelmente com Évora, cidade católica, branca e luminosa. Conhece, desde o início, quatro personalidades fatídicas que irão ditar o seu futuro em Évora: a inocente Cristina, a desconformada Ana, a misteriosa Sofia e o influenciável Bexiguinha. Ao longo deste brilhante romance, Vergílio Ferreira torna-se intérprete do existencialismo, levando-nos num passeio pelo ambiente eborense, ainda sob o domínio da ditadura e marcada por uma sociedade fechada e dividida em restritivas classes sociais, constatando e criticando, elegantemente, o Portugal da década de 50. Mas, acima de tudo, Ferreira procura explorar a relação do Homem consigo mesmo, as limitações da morte e o milagre da vida. Escreve fluidamente, com estilo e elegância, captando naturalmente a atenção do leitor. Aparição é um livro que, acima de tudo, marca, torna o homem visível a si mesmo já que, como dizia Ferreira, o que se vê melhor é aquilo que não se vê, porque «o que está mais perto dos olhos são os olhos e aos olhos ninguém os vê».



Casa em Flor, de Rogério Manjate

“No verão/ de manhã cedinho/o sol desce/ para se espelhar/ no orvalho/ e matar a solidão/ nos mil casulos/ de luz de capim”

Casa em Flor, da autoria de Rogério Manjate, é um livro verdadeiramente maravilhoso. Ao longo de vinte e três poemas, todos eles curtos e libertos do fardo da métrica e das convenções poéticas, Manjate celebra a infância, presta culto à inocência e à vitalidade que a acompanha. Os seus poemas são autênticas pinturas, populadas por cores vibrantes e sensações visuais. Abordando temáticas como a juventude, o poder da imaginação infantil, a inexorável passagem do tempo e os ciclos intrínsecos ao mundo da natureza, o autor torna-se um autêntico intérprete do Natural, do bucólico, contando-nos as suas histórias, numa linguagem simplificada e fluida. Apesar de *Casa em Flor* ser um livro direcionado ao público infantil, pode e deve ser lido por pessoas mais velhas, servindo como forma de relembrar o brilho, a inocência que fica para trás com o final da infância. As ilustrações, fruto da mente de Maurício Negro, são magníficas, intensificando e melhorando a experiência poética. *Casa em Flor* é, acima de tudo, um livro que nos convida a parar, a pensar e a sorrir.



“Do brincar às palavras” em ação

“Do brincar às palavras” foi o título dado a dois momentos de sensibilização sobre Comunicação e Linguagem. No primeiro momento, a atividade teve como público-alvo as educadoras, mas, já no segundo, a ação foi alargada às assistentes operacionais e aos técnicos que acompanham os alunos e demais profissionais. O objetivo desta formação foi a partilha de conhecimentos e experiências sobre a Comunicação e Linguagem, ao nível da definição, distinção, bem como as formas de aquisição e desenvolvimento das mesmas. A abordagem também compreendeu a identificação de estratégias para a sua promoção no quotidiano dos alunos com dificuldades de aprendizagem, com vista a uma melhor socialização, autonomia e inclusão.

Partindo da apresentação

dinamizada pelos terapeutas da fala, Catarina Domingues e Marco Nunes, e explorada pela primeira terapeuta no segundo encontro, foram interessantes as partilhas realizadas, tanto ao nível teórico, como, e sobretudo, prático. Assim, usaram-se técnicas como os “role-plays” (adulto e criança), com exploração de materiais de sala de aula trazidos pelos intervenientes, havendo consciência de que é através da prática que se

aprimoram as competências, se atenuam receios e se incrementa a confiança no que se está a fazer. Houve momentos em que espontâneas gargalhadas se fizeram ecoar dentro das quatro paredes.

Se a inclusão ainda é um enorme desafio, dificultado por diversas barreiras, são momentos como estes que nos fazem acreditar que não estamos sozinhos nesta caminhada, difícil, é certo, mas muito gratificante!



Alunos da EPM-CELP premiados com assinatura do jornal “Público”

As turmas C do 10.º ano e A3 do 12.º ano receberam, em novembro, um “prémio” especial: assinaturas anuais do jornal português Público. A oferta surge no âmbito da parceria entre o Plano Nacional das Artes (PNA) e o jornal Público, do grupo SONEAE, para a promoção da atividade “O jornal como recurso pedagógico”, que visa fomentar a literacia mediática nos alunos do ensino secundário, cujas



escolas integram o PNA.

Durante o ano 2024/25, as duas turmas irão desenvolver um projeto de jornal escolar como recurso pedagógico, razão pela qual lhes foram atribuídas as assinaturas digitais do Público.

Esta não é a primeira vez que os alunos da Escola são premiados. Em 2021/2022, os alunos ganharam a 1.ª edição do concurso Vamos Fazer um Plano, do Jornal Público.

Celebrar o Dia dos Animais e preservar a sua existência



Numa iniciativa do grupo de professores do 2.º ano da EPM-CELP, decorreu, em outubro, um momento especial com que se pretendeu comemorar o Dia dos Animais. Cada turma deste ano de escolaridade preparou, em articulação com os professores de música, uma pequena apresentação musical (músicas de animais, uma delas da autoria dos alunos, acompanhadas por jogos, cartazes, movimentos...), que decorreu no Parrô dos baloiços.

Em sala de aula, elaboraram-se cartazes alusivos à vida das tartarugas, pombos, patos, coelhos, peixes... e realizou-se uma pequena exposição com os animais de estimação dos alunos que apresentaram aos colegas as investigações feitas sobre os mesmos.

A atividade, que integrou as áreas de Português, Música e Artes Visuais, decorreu muito bem, tendo em conta a idade dos alunos envolvidos (cerca de 110 alunos entre

os 6 e os 7 anos) e demonstrou, mais uma vez, o espírito criativo e a envolvimento de todos numa perspetiva de vivência de valores como o respeito pelos animais e suas necessidades próprias.

De referir ainda a participação dos pais e encarregados de educação no desenvolvimento desta atividade enriquecedora, que motivou os alunos para mais e melhores aprendizagens.

BEJC comemorou o Mês das Bibliotecas Escolares e celebrou o Frik



A Biblioteca Escolar José Craveirinha (BEJC) associou-se, em outubro, à comemoração do Mês Internacional das Bibliotecas Escolares, através da dinamização de atividades de leitura emparelhada e dialogada. Estas realizaram-se em articulação com professores titulares e de português

e contaram com a participação de 219 alunos de diferentes anos/ciclos, incluindo 38 alunos do Polo da Beira.

Nestes momentos de partilha, de reflexão e diálogo, abordaram-se temáticas como a guerra, a paz, a amizade, os conflitos na escola, na família e na sociedade, partindo das obras “A Guerra” de Anais Vaugelade e “A Fada Palavrinha e o Gigante das Bibliotecas”, de Luísa Ducla Soares. Houve leituras expressivas e dramatizadas, perguntas para refletir e debater os temas abordados nas diferentes obras, “quizzes”, música (até se dançou e cantou!), com o propósito de educar para a paz e a justiça.

Em dezembro, a BEJC recebeu os alunos do pré-escolar e do 1.º C, junto da sua árvore de Natal, e

partilhou a história “O primeiro Natal do Frik”, o cão do Pedro e do João. Nesta história, o Frik estranha aquela árvore no meio da sala, que, apesar de não ter raízes como as outras e não se mexer, lhe pica o focinho quando este a cheira. E, na noite de Natal, abraços e brincadeiras com fitas e presentes, deixam todos alegres, até o Frik que recebe uma coleira cintilante com uma medalha com o seu nome.

Os alunos participaram ativamente e alegremente na atividade e cantaram canções de Natal ensaiadas previamente pelas educadoras. Falou-se do Pai Natal, dos presentes, dos animais de estimação e das vivências natalícias e partilharam-se valores de amizade, paz, harmonia comuns a todas as crianças, independentemente de comemorarem o Natal ou o Dia da Família.

No final, os pequenos convidados da BEJC receberam um desenho do Frik, com a sua coleira nova, e uma Árvore de Natal.



Identidade foi mote de reflexão entre professores e alunos para assinalar o Dia Mundial da Filosofia

Com o objetivo de enaltecer a importância da Filosofia na vida humana e na sociedade, a EPM-CELP celebrou o Dia Mundial da Filosofia, numa iniciativa que também serviu para reconhecer a importância do pensamento crítico, criativo e independente, na promoção da tolerância e da paz.

A dinamização de sessões de debate e diálogo reflexivo entre alunos e professores foi a metodologia principal das atividades levadas a cabo pelo Grupo Disciplinar de Filosofia, nos dias 21 e 22 de novembro, envolvendo alunos do 10.º e 11.º anos, em diálogos realizados na biblioteca, subordinados ao tema a “Identidade”.

Como é construída a nossa Identidade? É algo que permanece ou muda ao longo do tempo? Que papel têm os outros na construção da nossa identidade? Somos como os outros nos veem? Quando nascemos, trazemos connosco a essência da nossa identidade? Podemos mudar? Será possível conhecermos-nos? Estas foram algumas das questões formuladas pelos alunos, propiciando momentos de questionamento mútuo e desenvolvimento de reflexões a partir de ideias e conceitos individuais e comuns.

A Filosofia, encarada como atividade intelectual naturalmente presente no mundo e nas nossas vivências, marcou presença especial durante os dois dias dedicados vocacionados para desafiar as mentes no esforço metafísico de compreender e dar significado às

nossas experiências individuais e do mundo em que vivemos.

O Dia Mundial da Filosofia foi instituído pela Unesco em 2002, e é celebrado em todo o mundo na terceira quinta-feira do mês de novembro.

Alta prestação em confronto no “Mata-Piolho” e Badminton

Os torneios do “Mata-Piolho” para os 5.ºs e 6.ºs anos, que contaram com a participação de 180 alunos de todas as turmas do 2.º ciclo, deram vitória às equipas “Os Gloriosos” do 5.ºA e “El Fantásticos” do 6.ºF, respetivamente. Enquanto isso, no tradicional Torneio de Badminton, do ensino secundário, Santiago Alves (10.º B1), Lucas Serra e Athyan Muhate (11.º CP) conquistaram as primeiras posições em masculinos; Maria Ribeiro (10.º A1) e Maria Venichand e Margarida Palmeirim (12.º A2) em femininos, e os alunos Tiago Silva e Maria Venichand (12.º A2) em mistos.

Organizadas e dinamizadas pelo Departamento de Educação

Física e Desporto Escolar, as competições decorreram com normalidade, dentro do horário previsto e praticamente sem faltas de comparência, o que expressa o sentido de responsabilidade dos alunos e também a sua vontade e motivação para participar e conviver através da atividade desportiva.





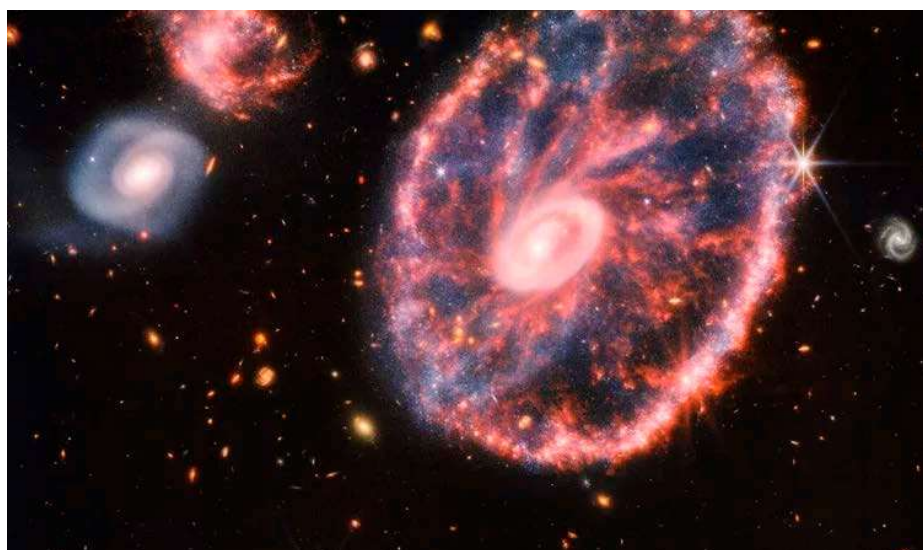
Astrofísica Ana Paulino “viajou” com os nossos alunos pelo espaço

O ciclo de palestras online, inserido no programa do Ciência Viva, “O espaço vai à escola”, iniciou as atividades de forma mágica, colocando as oito turmas do pré-escolar numa viagem pelo mundo dos planetas. A astrofísica Ana Sofia Paulino Afonso, do Centro de Astrofísica da Universidade do Porto, dirigiu a sessão e dissipou várias curiosidades dos alunos.

Numa sessão curta e interativa, a astrofísica falou dos oito planetas que orbitam o Sol, Mercúrio, Vénus, Terra, Marte, Júpiter, Saturno, Úrano e Neptuno, a sua composição, as atividades que nelas se verificam e, sobretudo, a sua habitabilidade. Sobre a Lua, Ana Sofia Paulino Afonso explicou que esta não está sempre com a mesma “cara”, que o Sol é uma estrela e que existem muitos outros planetas, luas e estrelas no nosso Universo.

A outra sessão, em novembro, foi sobre “A física dos *wormholes*: viagens no tempo e paradoxos”, e foi orientada por João Luís de Figueiredo Rosa, da Universidade de Gdansk, na Polónia.

Na palestra, os alunos aprenderam o que são os *wormholes* e todos os paradoxos (tais como o dos gémeos e o do matricídio) associados à sua existência e utilização não só para viagens espaciais, mas também como máquinas do tempo. Uma apresentação que fez refletir sobre questões físicas e matemáticas, assim como filosóficas, desde o conceito de espaço-tempo até à existência do livre-arbítrio.



O Universo dos *Wormholes*

Na mesma senda, realizou-se uma palestra destinada aos alunos do 12.º ano do Curso Científico-Humanístico de Ciências e Tecnologias da EPM-CELP, intitulada “A física dos *wormholes*: viagens no tempo e paradoxos”, orientada pelo Doutor João Luís de Figueiredo Rosa.

O Doutor João Luís Rosa, físico formado pelo Instituto Superior Técnico de Lisboa e, atualmente, docente na Universidade de Gdansk, na Polónia, iniciou a sessão com uma explicação sobre a Teoria da Relatividade Geral de Albert Einstein, formulada em 1915, que está na base da hipótese dos *wormholes*. Explicou que estes “túneis” teóricos poderiam unir pontos distantes do Universo,

facilitando inclusivamente as chamadas viagens no tempo.

No entanto, ao contrário dos buracos negros, a existência de *wormholes* ainda não foi comprovada cientificamente, permanecendo uma hipótese que desperta o fascínio entre os entusiastas da ciência.

A possível existência de *wormholes* poderia viabilizar, para além das máquinas do tempo, viajar no espaço e percorrer distâncias colossais em intervalos de tempo extremamente curtos. Deste modo, o físico elucidou a audiência quanto aos efeitos de dilatação do tempo e da contração do espaço que, no contexto dos *wormholes*, são responsáveis pelo seu funcionamento como

máquinas do tempo.

Durante a palestra, os alunos aprenderam igualmente sobre vários problemas gerados por estes túneis, destacando-se o paradoxo dos gémeos e o do matricídio, o segundo relacionado com o problema filosófico do livre-arbítrio.

O físico não deixou de apresentar um famoso contra-argumento à hipótese dos *wormholes*: por muito interessante que seja, não pode ser verificada experimentalmente nem possui aplicação real. Todavia, João Rosa salientou que esse mesmo argumento foi utilizado para objetar as duas Teorias da Relatividade de

Einstein, que posteriormente foram verificadas. O mesmo aplica-se aos buracos negros: teorizados em 1916 e cuja prova experimental se obteve cerca de um século mais tarde, em 2019, quando se fotografou pela primeira vez um buraco negro.

O professor defendeu ainda que a investigação de *wormholes* permanece arrebatadora, apesar de não ter, de momento, aplicação prática. Mesmo assim, a seu ver, o avanço tecnológico que os cientistas fizerem na medida de alcançar este objetivo beneficiará as gerações futuras e deve ser essa a postura a adotar perante a ciência.

Fascinados pelo conhecimento adquirido na palestra, os alunos não hesitaram em colocar questões acerca dos *wormholes* e das áreas de estudo envolvidas nesta temática.

Demonstrando uma abordagem prática e acessível, o Professor João Rosa recomendou ainda filmes de ficção científica que exploram a teoria dos *wormholes*, acrescentando uma perspetiva cultural à sua exposição científica. A palestra intitulada A física dos wormholes: viagens no tempo e paradoxos foi um momento formativo enriquecedor e inspirador para os alunos nela participaram.

Inteligência Artificial na Astronomia



O ciclo continuou e, desta vez, perante uma plateia de alunos do ensino secundário da Área das Ciências e Tecnologias e vários professores, discutiu-se o papel da Inteligência Artificial na Astronomia e Ciências do Espaço, refletindo-se sobre o modo como esta nova ferramenta digital poderá revolucionar a forma como estudamos e percebemos o espaço, permitindo-nos melhorar a compreensão do Universo.

Todos os participantes, nomeadamente os alunos, mostraram-se muito curiosos e focados no tema, não obstante nos encontrarmos a viver momentos de grande tensão.

Como ver o Universo?

O ciclo de palestras concluiu-se com a temática da descoberta dos segredos do Universo através dos telescópios. Numa viagem pelos últimos 415 anos, Ana Paulino desafiou os alunos a pensarem a História, a Tecnologia e a Ciência Espacial, recordando as maiores descobertas da Astronomia, desde Galileu até aos dias de hoje, descobrindo incríveis telescópios e missões espaciais.

“O Universo: de Galileu às missões e telescópios espaciais” despertou a maior curiosidade nos alunos, verdadeiramente “agarrados ao ecrã” e com uma enorme sede de colocar questões e problematizar os

mistérios do Universo.

Cabe-nos agradecer a todos, alunos, professores e, em particular, à equipa do Mãos na Ciência, o empenho, a colaboração e o excelente trabalho de promoção da literacia científica, bem patente na forma entusiástica como estas conferências foram participadas.





Explorando a Ciência: Uma Atividade Experimental em Biologia e Geologia

A Ciência ganha vida quando os alunos têm a oportunidade de realizar experiências práticas. No âmbito da disciplina de Biologia e Geologia do 10.º ano, realizou-se mais uma atividade experimental que permitiu aos alunos aprofundar os seus conhecimentos sobre um dos temas estudados em sala de aula.

O objetivo desta experiência foi compreender melhor os processos geológicos através da experimentação direta. A atividade centrou-se na análise da influência da temperatura na alteração da viscosidade de uma substância, estabelecendo uma analogia com o comportamento das lavas de acordo com a variação da temperatura e da sua composição química.

Os alunos foram divididos em grupos, e cada um destes trabalhou com diferentes substâncias (mel, xarope de ácer, polpa de tomate e manteiga de amendoim), escolhidas para simular a variação da composição química das lavas, nomeadamente a sua riqueza em sílica.

Cada substância foi submetida a diferentes temperaturas e colocada no topo de um plano inclinado para verificar a fluidez de cada uma delas.

Os resultados obtidos levaram os alunos a concluir que quanto maior é a temperatura, maior a fluidez (ou menor a viscosidade). Compreenderam também a relação entre temperatura, composição química e comportamento das lavas na natureza.

Experiências como esta permitem aos alunos relacionar os conceitos teóricos com a realidade, promovendo uma aprendizagem mais significativa.

A atividade foi um sucesso e deixou nos alunos a vontade de continuar a explorar o mundo natural através da ciência!



Celebrar ciência entre monstros e monstrosinhos

Apesar das celebrações em Portugal, a EPM-CELP, enquanto Escola Portuguesa no Estrangeiro, celebrou, em novembro, o Dia Mundial da Ciência e o Dia Nacional da Cultura Científica. Na nossa escola, a atividade, integrada no subprojeto Cozinha com Ciência, foi orientada pelo projeto Mãos na Ciência e teve lugar na Biblioteca Escolar José Craveirinha.

Para a sessão, convidou-se os pequenos alunos fantásticos, os “monstrosinhos terríveis” (mas não muito!), da turma F, do primeiro ano, que ouviram a história “Monstros Terríveis” (mas não muito) e “A Grande Bagunça”, recomendados pelo Plano Nacional de Leitura. Num segundo momento, foi realizada a projeção do vídeo “O monstro das cores”, na qual, pensaram os alunos, aprenderiam sobre as cores das emoções dos monstros.

Em seguida, foi-se cozinhar. O quê? “Os monstrosinhos terríveis”. Depois de se seguir todas as etapas do procedimento experimental, que se aprende no vídeo da Ciência Viva sobre “pega monstros”, eis que se produziu o slime! “Uau!, Que giro! Podemos brincar? Eu quero mexer! Posso levar? “. “Nada disso! Se vos dermos agora o vosso slime, já não fazemos o último momento desta atividade! Agora olhem para a tela e siga a dança!” E assim foi, ao som de “Cartoon Cat é um Monstro” que se dançou, sorriu e celebrou, com grande entusiasmo e alegria, esta data.

Claro que, depois deste bailado todo, os alunos tiveram que deixar os seus fantásticos monstrosinhos irem embora, mas não antes de lhes dar o seu slime tão esperado. “Eu quero o azul! Eu quero o roxo! Eu quero o amarelo!”. Havia para todos os gostos e até com purpurinas! Que maravilha! Que momento adorável! Venha a próxima atividade!



De pequenino se experimenta e se descobre

No Dia Mundial do Habitat, que se assinalou na primeira semana de outubro, e a convite dos alunos da UPA - Unidos pelo Ambiente, os alunos do pré-escolar juntaram-se às comemorações realizando pesquisas ligadas à vida dos morcegos, mamíferos da ordem Chiroptera.

“Perceber como é que os morcegos conseguem voar de noite sem chocarem com nada foi a grande questão-problema”, referiu Ana Isabel Carvalho, educadora da turma Pré-B que assinalou o facto de que “os morcegos emitem sons enquanto voam para evitarem chocar em alguma coisa, a isto chama-se ecolocalização. É um mecanismo de orientação espacial que permite detetar a localização de objetos através de ondas sonoras, o som bate nas coisas e volta para nós. Isso é muito estranho!”.

Para perceberem o que é ecolocalização, a turma fez uma experiência. “Usámos um dos cacifos onde guardamos as nossas mochilas e pusemos a cabeça lá dentro, produzimos sons e quando o som batia no cacifo voltava para trás”.

Neste processo de descoberta, “conseguimos ouvir os nossos sons a voltarem e percebermos, assim, de que forma os morcegos conseguem não embater nas coisas quando voam. Aprendemos o que é ecolocalização. Foi uma grande descoberta!”, concluiu a educadora satisfeita com os seus alunos.

25 anos da EPM-CELP: celebrar sucessos e renovar desafios



Ao longo dos últimos 25 anos foram muitos os desafios com que a comunidade educativa da Escola Portuguesa de Moçambique se confrontou, uns mais genéricos e comuns, outros, bem mais específicos e sensíveis. Foram muitas e variadas as alterações e evoluções que a EPM viveu, fruto da enorme variedade e riqueza do capital humano que por ela foi passando. Alunos, pais, encarregados de educação, professores, pessoal não docente e demais funcionários contribuíram para construir um legado repleto de memórias.

Neste momento em que a Escola Portuguesa de Moçambique celebra os seus 25 anos de existência, que tal projetarmo-la para os seus 50 anos?

O passado recente tem-nos trazido diferentes ensinamentos que colocam, de certa forma, em causa aquilo que todos dávamos e gostaríamos de ter como garantido: alguma estabilidade, previsibilidade e capacidade de fazer planos e concretizá-los sem grandes surpresas.

A situações inesperadas e impensáveis, que exigem de nós

flexibilidade, resiliência e capacidade de adaptação, somam-se acontecimentos que advêm dos avanços tecnológicos e do acesso cada vez mais facilitado a dados e informações.

Projetar a Escola para daqui a 25 anos é, por isso, um exercício bem difícil... mais fácil será, talvez, pensar o que não gostaríamos que a Escola fosse:

- um local sem convívio entre os alunos e entre estes e os professores
- um local sem histórias e sem opiniões
- um espaço silencioso e sem cor
- um local onde não existe respeito e nem empatia
- um local onde os EE só entram quando há problemas
- um local sem livros, sem cadernos e sem canetas.

Cenário dramático este e, de todo, não desejável! Mas será que estamos assim tão longe dele?

Eventos recentes obrigaram e ainda obrigam a isolamentos forçados, a uma crescente utilização dos meios digitais e a uma dependência da tecnologia, que tem, também, sem dúvida, inúmeras vantagens, mas também, desvantagens.

Mas estes mesmos eventos inesperados também revelam a alegria que é o “voltar à escola”, aos encontros e desencontros, quando a situação o permite.

Crucificar a tecnologia não nos serve de nada ... aliás ela faz parte do nosso dia a dia e ainda bem! Mas cabe-nos a nós, EE, e restante comunidade educativa incutir nos nossos educandos o seu uso responsável e equilibrado.

Não é fácil ... aliás alguns de nós temos em casa jovens que tendem a revirar os olhos quando introduzimos estes temas e

desculpam-se no gap geracional e na nossa incompreensão.

Mas o que nos preocupa é a dependência excessiva do TM, a aparente facilidade com que se criam conteúdos dignos de nota 20 através da IA, a crescente economia de palavras tão comum entre os jovens e a ausência de inteligência emocional. Tudo isto, a prazo, tem um potencial muito grande de gerar dificuldades de integração na sociedade, na formação de indivíduos completos em termos de competências básicas, já para não falar na “preguicite mental e física” que promove.

Qual a solução? Seguir a sabedoria popular que diz que no meio está a virtude: equilibrar as experiências, atividades e competências que os nossos educandos desenvolvem, participar ativamente na sua vida e gerir, com resiliência, os desafios que aparecem.

Gostaríamos de, no futuro, ter ou continuar a ter uma escola equilibrada nas iniciativas e abordagens que propõe, que promova a participação dos EE e a comunicação entre os diferentes intervenientes, acompanhando tendências, sempre em benefício dos alunos, que são a razão da existência de uma qualquer Escola!

Uma confissão final: tive de resistir à tentação de pedir ao Chat GPT que escrevesse este artigo com base em alguns tópicos... teria sido mais fácil e mais rápido, mas, certamente, o resultado seria menos à minha imagem e apenas a sequência estruturada de palavras. Mas, acima de tudo, estaria também a ir contra o que “apregoei” neste texto!



Texto

Alexandra Melo

Coordenadora Serviço de Psicologia e Orientação

A história dos Serviços de Psicologia e Orientação

A história dos Serviços de Psicologia e Orientação (SPO) da EPM-CELP reflete o trabalho desenvolvido ao longo do percurso da EPM-CELP, desde os seus primórdios e mesmo antes da sua génese, por todos aqueles que tiveram a tarefa de cuidar do bem-estar psicológico dos alunos que, nem sempre se encaixando nos habituais modelos da sala de aula, precisaram de um acompanhamento e cuidados específicos, direcionados às suas necessidades.

A Educação Inclusiva na EPM-CELP, da a sua génese à atualidade, tem-se transformado de acordo com os diferentes suportes legais emanados pela tutela, os sucessivos decretos-lei 319/91, 03/2008 e o atual 54/2018 –, marcando hoje a presença de uma educação inclusiva, com um olhar diferenciado sobre o aprender dos alunos.

As mudanças nesta área, decorreram do crescente aumento de alunos, mas, sobretudo, do aumento do número de casos de alunos com necessidades de apoio psicológico e da intervenção do SPO. Neste contexto, houve a consciência de que, para além de identificar as diferenças, era necessário intervir

sobre elas de forma atenta e diferenciada. Fruto da necessidade, o engenho de todos os atores foi-se aguçando, particularmente o dos professores na sala de aula, desde o Pré-Escolar ao 12.º ano. Ao longo os 25 anos, num grande espírito de equipa, com a consciência da seriedade e dificuldades dos casos, fomos, em conjunto, aprendendo a ter um olhar diferente, para fazer diferente, e, assim, poder tornar igual os benefícios e os resultados a obter.

Num primeiro momento a nossa equipa era formada apenas por uma psicóloga e professores do ensino regular, que, para além de participarem em ações de formação especializadas, faziam formação em contexto, à medida que os casos iam surgindo, num misto de receio e entusiasmos, até ao momento em que a Educação Especial nasceu e foi ganhando uma dinâmica própria, fazendo com que a EPM-CELP seja hoje uma referência de verdadeira inclusão no contexto escolar em Moçambique.

Hoje contamos com três psicólogas “residentes”, duas psicólogas em estágio profissional, sete docentes de Educação Especial, 12 estagiários profissionais na

área da Psicologia Escolar e das Necessidades Educativas Especiais que prestam apoio direto a alunos com necessidades específicas, pouco autónomos no seu dia a dia de sala de aula, cinco assistentes técnicos afetos à Sala de Ensino Estruturado e dois técnicos superiores de Terapia da Fala, uma verdadeira equipa multidisciplinar que trabalha com cerca de 200 alunos.

Este esforço da Direção e daqueles que trabalham direta e indiretamente com os alunos, reflete-se no percurso de alunos e respetivas famílias, com resultados visíveis ao nível da autonomia, valores morais e éticos, capacidade de liderança, habilidades comunicacionais, capacidade de resolução de problemas e encontrar equilíbrio no imprevisível. Estes foram os nossos desafios e são os pilares da nossa intervenção.

Pretendemos continuar o trabalho desenvolvido e dirigir a nossa atuação tanto para um trabalho diferenciado em sala de aula como em atividades especializadas que complementam o percurso formativo de um número muito significativo de alunos desta instituição.





ESCOLA PORTUGUESA DE MOÇAMBIQUE
CENTRO DE ENSINO E LÍNGUA PORTUGUESA